

Computando estatísticas e perfis de pobreza anteriores ao conflito na Síria

Samer Hamati, Universidade do Minho, Portugal

Apesar de alguns estudos recentes indicarem que a deterioração das condições de vida foi um dos fatores que levaram ao atual conflito violento na Síria, nenhum deles investigou suficientemente as taxas de pobreza anteriores ao conflito, no âmbito dos governorados. A Comissão Econômica e Social das Nações Unidas para a Ásia Ocidental (ESCWA) é a única entidade que computou dados nacionais de pobreza para 2009 (ESCWA, 2017). A instituição concluiu que as taxas nacionais de pobreza alimentar, pobreza extrema e pobreza geral na Síria foram reduzidas a 1,5 por cento, 10 por cento e 24,8 por cento, respectivamente, em 2009. Entretanto, é claro que as estimativas são contraintuitivas por duas razões: primeiramente, as ondas de seca sem precedentes que atingiram a área nos anos imediatamente antes do conflito; segundo, os cortes nos subsídios de energia em maio de 2008 tiveram um efeito negativo forte nas pessoas que se encontravam um pouco acima do limite da linha de pobreza. Nesse contexto, este *One Pager* resume as conclusões em Hamati (2019), estudo que computa as taxas de pobreza na Síria em 2009, utilizando uma amostra da pesquisa de orçamentos familiares daquele ano. Tentamos preencher uma lacuna e computar os valores e os perfis de pobreza no âmbito dos governorados, em um país que estava nas vias de ser envolto em um conflito civil muito violento, dois anos depois.

Seguimos a mesma técnica utilizada nos estudos anteriores sobre a pobreza na Síria, construindo a linha de pobreza alimentar (LPA) em cada governadorado. Entretanto, não pudemos seguir a mesma abordagem exatamente, uma vez que nossa subamostra não possuía as quantidades de alimentos consumidos por cada decil de domicílios em 2009. Dessa forma, utilizamos as cestas básicas como referência para encontrar os índices de preços ao consumidor (IPC) de alimentos para 2009. Então, multiplicamos cada um desses IPCs de alimentos pela sua LPA regional, que foi computado por Abu-Ismael, Abdel-Gadir e El-Laithy (2011) para determinar a LPA de 2009. Na próxima etapa, estimamos as linhas inferiores e superiores de pobreza. Finalmente, analisamos a condição de bem-estar de cada domicílio, usando o gasto ao invés da renda como medida de bem-estar.

Os resultados demonstram que a proporção de pessoas que viviam abaixo da linha inferior de pobreza aumentou de 12,3 por cento em 2007 para 14,85 por cento em 2009, enquanto a proporção de pessoas que viviam abaixo da linha superior de pobreza decresceu de 33,6 por cento em 2007 para 29,4 por cento em 2009. Também concluímos que as áreas rurais são mais pobres que as urbanas e que o hiato entre a pobreza em áreas rurais e urbanas aumentou. As áreas rurais mais pobres em 2009 eram os governorados de Hama, Deir Azzor e Daraa, enquanto a área urbana mais pobre era Hassakeh. Esses números parecem razoáveis, dados a seca que assolou a Síria oriental entre 2006 e 2009 e o deslocamento subsequente para o sul do país, para, por exemplo, Daraa, onde o movimento civil teve início em março de 2011.

O perfil da pobreza em 2009 é similar ao encontrado em 2004. Agregados familiares pobres são maiores e mais jovens que os não pobres. O perfil ocupacional indica que a falta de oportunidades de trabalho não fornece uma explicação suficiente para a situação de bem-estar, uma vez que a taxa de emprego entre indivíduos pobres é apenas dois pontos percentuais mais baixa que entre os não pobres. De qualquer forma, os resultados mostram que a taxa de pobreza é menor entre pessoas que trabalham no setor público (12,8 por cento) e maior entre aquelas que trabalham no setor informal (18,6 por cento). Também é notável que as taxas de pobreza são as menores entre empregadores (8 por cento) e as maiores entre aqueles que estão desempregados e que nunca trabalharam antes (19 por cento).

O hiato é mais claro quando se trata do nível educacional. Das pessoas que vivem em agregados familiares pobres, 60,5 por cento não possuem qualquer diploma escolar, enquanto essa taxa é de 46,9 por cento entre aqueles em agregados familiares não pobres. A proporção de pessoas com um certificado escolar secundário



é duas vezes maior em famílias não pobres que em famílias pobres; a proporção com um diploma universitário é seis vezes maior. A situação é a mesma no que diz respeito ao nível educacional de chefes de domicílio: 16,8 por cento de agregados familiares não pobres são chefiados por alguém que possui pelo menos um certificado escolar secundário, comparado a 6 por cento de agregados pobres.

Entretanto, nossa análise é incompleta e há espaço para investigações futuras. A exploração de correlações de pobreza, por exemplo, é crucial para se entender as causas da pobreza e as dinâmicas de mudança entre os agregados familiares na Síria. Ademais, podemos ir além desses dados e conectá-los geograficamente à incidência e à intensidade do conflito atual, tanto direta quanto indiretamente. Esse fato pode abrir o caminho para solucionar o enigma levantado pelo Banco Mundial (2015), a respeito da coexistência de progresso econômico constante e a violência subsequente em muitos países do Oriente Médio e norte da África.

Referências:

- ABU-ISMAIL, K.; ABDEL-GADIR, A.; EL-LAITHY, H. "Poverty and Inequality in Syria (1997-2007)." *UNDP, Arab Development Challenges Report*, 15, 2011.
- BANCO MUNDIAL. "Inequality, Uprisings, and Conflict in the Arab World." *Middle East and North Africa (MENA) Economic Monitor*. Washington, D.C.: Banco Mundial, 2015.
- COMISSÃO ECONÔMICA E SOCIAL DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A ÁSIA OCIDENTAL (ESCWA). *National Agenda for the Future of Syria Programme. The Strategic Policy Alternatives Framework*. Beirut: ESCWA, 2017.
- HAMATI, S. "Computing pre-conflict data in Syria". *IPC-IG Working Paper 185*. Brasília: Centro Internacional de Políticas para o Crescimento Inclusivo, 2019.